Ano VI — Lisboa, Maio de 1950 — N.º 61

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA—LISBOA

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 • PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

ESCOTISMO, ESCOLA DE HOMENS

Conta-nos Baden-Powell que os Zulos têm uma maneira singular e bastante rude de iniciar os seus jovens na vida adulta. Antes de lhes ser permitido constituir família e possuir propriedades, o rapaz que chegou a homem é despojado das suas vestes e o seu corpo é pintado com uma tinta branca que resiste a todas as lavagens durante um mês, pelo menos. Entregam-lhe uma curta lança ou zagaia e um escudo de pele de boi, ordenando-lhe que penetre na selva até que a tinta tenha desaparecido por completo. Alguém que o veja, enquanto está pintado de branco, matá-lo-á.

Diz-nos ainda B.-P. que o pobre rapaz tem de caçar para seu sustento e para conseguir peles para se abrigar das intempéries, tem de produzir fogo friccionando dois pedaços de madeira, tem de conhecer as diferentes plantas e raízes comestíveis e fabricar os recipientes para as cozinhar, com a constante preocupação de não ser visto pelos seus semelhantes e pronto para se defender dos animais selvagens. Se regressa desta dura experiência, é recebido com manifestações de alegria, promovido à dignidade de homem e de guerreiro, *porque provou ser capaz de se desembaraçar sòzinho de qualquer tarefa.*

A prova é bem digna de selvagens, mas confessemos que o rapaz que escapa a semelhante condenação terá, certamente, energia necessária para triunfar na vida agitada desses guerreiros selvagens. Pensemos, porém, um pouco no que poderia suceder se nós, que gozamos dos privilégios de uma civilização requintada, submetêssemos os nossos filhos a provas semelhantes antes de lhes permitirmos fumaças de adulto. Suponhamos, por um instante, que os lançávamos um mês na *selva* da vida, absolutamente desprovidos de recursos, forçados a angariar o sustento pelos seus próprios meios, a defenderem-se das *feras*, que também abundam nesta *selva*, sem que pudessem ser vistos por amigos ou conhecidos.

Seria um desastre a que, certamente, nenhum de nós teria coragem de sujeitar qualquer filho. Porém, o desastre pode sobrevir em qualquer altura, porque os pais podem faltar inesperadamente e a grande verdade é que os rapazes educados num ambiente de carinho, comodidade e facilidades, acostumados a encontrar a mesa posta e a cama feita, não se encontram na generalidade preparados para a dura luta pela vida.

Foi este o perigo que B.-P. viu quando regressou a Inglaterra e se encontrou perante uma juventude eivada de vícios, incapaz de um esforço, flácida, dada ao comodismo e ao luxo. O Fundador, que através de uma vida activa tinha tomado contacto com as mais variadas raças, onde a civilização era ignorada, mas onde se nutria um verdadeiro culto pela coragem, destreza e força física, sentiu-se desapontado com a frivolidade da gente nova inglesa, bem semelhante à mocidade das outras nações civilizadas.

B.-P., que tinha uma noção exacta — quase profética — da situação internacional desse momento, visionou o perigo que constituía para a Inglaterra possuir uma juventude sem vigor, decrépita de corpo e de espírito.

Por isso, concebeu a ideia de submeter a mocidade a um treino intenso, que lhe aprimorasse o vigor, endurecesse os músculos, fortalecesse o carácter. Procurou aplicar, no sentido da paz, os mesmos métodos de instrução que, aplicados nos corpos de exército de seu comando, tinham conduzido aos êxitos da Índia, dos Matabeles, de Mafeking, etc., e que se caracterizavam pelo desenvolvimento das qualidades enumeradas e ainda pela formação de um espírito de iniciativa apurado, capaci-

(Continua na 2.ª página)

Bem-Servir

Os Bombeiros Voluntários da Capital comemoraram recentemente a Semana do Bombeiro, efectuando diversas cerimónias e sessões que serviram para afirmar a sua constante disposição de bem-servir, de servir nas piores contingências.

É neste desejo que bombeiros e escoteiros se encontram, parecendo membros de uma só instituição, adeptos de uma mesma doutrina. Os bombeiros, homens feitos, especializam-se em servir nas mais duras condições. Os escoteiros, rapazes novos, procuram estar sempre prontos para servir nas circunstâncias que estão à altura das suas capacidades. Saudemos, portanto, os nossos camaradas mais velhos que nos dão exemplos de bravura e heroísmo, felicitando-os pelo êxito da «Semana» que promoveram.

Uma tarefa digna

A Liga Abolicionista Portuguesa, comemorando o 75.º aniversário da Federação Abolicionista Internacional, promoveu uma exposição bibliográfica internacional que o Sr. Subsecretário de Estado da Assistência inaugurou no dia 6, na Sociedade de Geografia.

Precisamos de olhar com simpatia para a obra social que esta Liga pretende realizar, lutando para extinguir uma das maiores vergonhas do nosso século—a prostituição.

Tarefa digna. Difícil de realizar em conjunto. Por isso, permita-nos a Liga uma sugestão despretensiosa: Existem no nosso país pequenas cidades, terras onde a população é quase uma família, mas onde a chaga da prostituição se patenteia aos olhos de todos, das crianças principalmente, já que em tais meios difícil é que se ignore a vida dos vizinhos. Porque não reunir os esforços de todas as instituições que ao Bem se dedicam para suprimir esses antros nas pequenas urbes? Seria o princípio de uma acção que, em face dos seus frutos, se poderia alargar a mais amplas realizações.

ESCOTISMO, ESCOLA DE HOMENS

(Continuação da 1.ª página)

dade rápida de visão através do exercício intenso do espírito de observação, domínio próprio, tenacidade, dinamismo, coragem. Tais atributos, que são armas poderosas para vencer em todas as circunstâncias, têm sido e são negligenciados frequentemente na formação educativa do rapaz.

Agostinho de Campos, na sua obra «Educar», publicada em 1922, conta-nos este outro caso: «Em parte da região colonial cedida em 1911, à Alemanha pela França, vivem tribos de canibais, conhecidas pela designação genérica de Baias. Os Baias são, ao que parece, parentes próximos dos famosos antropófagos Nian-nians, da região do Níger, e usam, em matéria de educação, processos que na Europa constituem o *dernier cri* da pedagogia.

«Quando os pequenos Baias chegam à idade dos 12 ou 14 anos e revelam qualidades físicas e mentais dignas de aproveitamento, separam-se das famílias e são confiados à guarda de educadores profissionais.

«...o fim desta educação é formar homens que venham a ser úteis à comunidade, quer pela força e resistência física, quer ainda pela valentia, decisão e destreza. Associados em grupos que os mestres dirigem, os pupilos vivem no mato e têm de prover, eles próprios, às necessidades da sua alimentação. Aprendem a caçar, a pescar, a dominar as feras pela astúcia; fazem à noite o serviço de vigilância do acampamento e tomam parte em danças que são não só verdadeiros exercícios ginásticos de elegância e resistência física, mas, pelo seu feitio de pantominas com uma acção sequente e lógica, descritiva da agilidade e da coragem, exercem também poderosa influência no carácter.

«Ao fim de certo tempo, o moço Baia regressa à sua aldeia, encontra fàcilmente mulher, e realiza a profecia que o pai lhe fizera antes da hora da partida, ao plantar ritualmente uma árvore diante da palhota: *Quando esta árvore tiver o tronco da grossura do teu braço, deixarás tu de ser criança, para te tornares num homem em que todos podemos confiar!*

«No espírito e na forma, — acrescenta Agostinho de Campos — esta educação de canibais tem, como se vê, mais de um ponto de contacto com o movimento do *scouting for boys* iniciado há anos em Inglaterra pelo Coronel Baden-Powell com enorme êxito, e transplantado já por toda a Europa Central e em parte da América do Norte e do Sul, como preciosa inovação digna de seguir-se.

«Quer dizer isto que os antropófagos do Congo são mais civilizados do que nós? Não; quer dizer que nós somos mais civilizados do que eles, e temos, portanto, de aprender com eles a temperar com maior dose de *natureza* a educação cada vez menos natural que impomos aos nossos filhos».

Tinha Agostinho de Campos razão. Devemos confessar que os excessivos cuidados, o conforto, as facilidades de que rodeamos os nossos filhos, os privam do exercício das suas faculdades, lhes entorpecem os sentidos, lhes paralisam o instinto de defesa, e geram esses rapazes que têm medo do escuro, incapazes de lutar, sem acção nem iniciativa.

O vigor moral também não abunda neste meio. A falta de força de vontade torna os rapazes vítimas do ambiente, personalidades amorfas, presas das piores companhias; encontramo-los em tudo o que não dignifica, assimilando todos os maus exemplos.

O Fundador viu o problema no seu conjunto e procurou que o Escotismo tomasse o rapaz e o conduzisse para um ambiente natural, longe do artificialismo das urbes, onde tivesse de cuidar de si próprio, tratar do seu sustento, do seu bem estar. Jogos e exercícios que fazem o encanto da mocidade constituem o programa do Movimento, levando o rapaz a uma vida dura e intensa, onde as suas faculdades se revelem, os seus sentidos se apurem, as suas energias se fortaleçam. A servir de fundo a este programa, e aproveitando o idealismo próprio da gente nova, uma noção elevada dos deveres para com Deus, para com a Pátria, para com a Família e para com o próximo; o culto da Honra e do Dever, tudo resumido num Compromisso e numa Lei que o rapaz aceita voluntàriamente como norma de vida.

Insistentemente B.-P. afirma que o Escotismo visa especialmente a formação cívica do rapaz, procurando prepará-lo para ocupar eficientemente o seu lugar na sociedade, ajudando-o a conquistar a sua independência, formando uma personalidade vigorosa com todos os atributos essenciais para triunfar na vida. Precisamos de afirmar, para que não reste a menor dúvida, que o Escotismo não é uma obra de beneficência, não tem em vista auxiliar materialmente o rapaz, porque a melhor ajuda que se pode prestar a um jovem é promover o desenvolvimento dos seus dons

(Conclui na 3.ª página)

A NOVA SEDE DO GRUPO N.º 2

O velho 2.º Grupo realizou uma aspiração—**a sua sede.** Desde que teve de abandonar a antiga casa na Trav. do Judeu, nunca mais esteve bem servido de sede, e essa carência tem comandado o seu declínio, que mais se acentuou, quanto mais grave foi a deficiência das suas instalações.

Esteve na Sociedade Guilherme Cossoul, onde foi imprimir vida à própria colectividade; passou para a Escola Francesa, e há 3 anos que estava *hospedado* por *remedeio* na Sede Central.

Agora, porém, o Grupo n.º 2 está a progredir no bom desejo de acompanhar os novos planos associativos. Por outro lado, o desenvolvimento da vida associativa torna a Sede Central exígua para os seus serviços e não podem, portanto, ali permanecer quaisquer grupos. Era preciso uma Sede! E a sede surgiu, graças à persistência do Chefe Geral e do Chefe do Grupo n.º 2, Sr. Álvaro Rodrigues, que «descobriram» um bom salão perto da Calçada da Estrela, em local esplêndido.

Os rapazes do «2» lançaram-se febrilmente a ornamentar a sua casa que em breve vai ser inaugurada.

Resolveu-se um problema, mas logo outro surgiu. A renda! Esta não é grande, mas é elevada demais para as finanças do Grupo. Vai constituir-se uma Comissão de Patrocínio presidida pelo Escoteiro-Chefe Geral Sr. Luís Grau Tovar de Lemos, que chefiou o «2» durante mais de 20 anos, e espera-se que as muitas dezenas de antigos escoteiros do Grupo n.º 2 acorram a pagar uma dívida de gratidão ao «seu grupo», contribuindo regularmente com uma quota para o sustento da sede.

Não é difícil. Se cada antigo escoteiro do «2» ouvir este apelo e imediatamente procurar corresponder, o *velho Dois* terá a sua sede garantida e em breve voltará a ocupar o lugar a que tem direito no escotismo português.

O «*Sempre Pronto*», ao tomar a iniciativa de lançar este apelo, tem a certeza de que, durante a próxima semana, na Rua de S. Paulo, 254, 1.º, onde por alguns dias ainda o «2» se encontra, vão ser recebidas inúmeras cartas de antigos membros deste Grupo, fazendo a sua inscrição como sócios.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Comemorações do Dia do Escoteiro

No Domingo, 23 de Abril, efectuaram-se diversas comemorações do dia de S. Jorge.

CERIMÓNIAS CATÓLICAS

De manhã, no Castelo de S. Jorge, realizou-se uma missa campal promovida pelo C. N. E., na qual tomaram parte as suas unidades, sendo celebrada por monsenhor Dr. Avelino Gonçalves.

A A. E. P. esteve representada pelo Escoteiro-Chefe Geral e seu Adjunto, Srs. Luís Grau Tovar de Lemos e Albano da Silva, e por representantes de alguns grupos.

Terminada a cerimónia os escutas desfilaram até à Baixa.

CERIMÓNIAS EVANGÉLICAS

Às 11 horas, na Igreja Evangélica Lusitana de S. Paulo, às Janelas Verdes, por iniciativa do 53, houve um culto especial comemorativo, com a presença deste Grupo e do 94.

Presenciado por boa assistência, a cerimónia foi dirigida pelos Rev.os Eduardo Moreira e Dr. Luís Pereira.

O Rev. Eduardo Moreira, na sua pregação, traçou interessantes considerações sobre a terrível corrupção da Idade Média, que originou o estabelecimento da Cavalaria. Depois de descrever o cerimonial e as provas que era necessário prestar para se ser armado cavaleiro, falou sobre a figura do Patrono dos Escoteiros—S. Jorge—o Santo e o Mártir, e narrou a lenda que se teceu sobre a sua vida. Depois de fazer o paralelo entre a Cavalaria e o Escotismo, dirigiu palavras de exortação aos escoteiros. O culto prosseguiu, tendo os escoteiros presentes recitado a Lei e, no meio da maior solenidade, ratificado o Compromisso de Honra.

No final foi cantado o hino «Prontidão do Escoteiro».

Durante a cerimónia, prestou Compromisso de Honra um aspirante do 53.

● À tarde, às 4 horas, na Primeira Igreja Presbiteriana de Lisboa, na Rua de S. Bento, por iniciativa do Grupo 94 de cooperação com uma Comissão de Chefes, efectuou-se outro culto especial comemorativo.

Compareceram os Grupos 1, 2, 53, 85 e 94 que prestaram guarda-de-honra ao Chefe Geral e seu Adjunto, Srs. Tovar de Lemos e Albano da Silva. Uma assistência enorme, entre a qual se viam antigos escoteiros, encheu o templo de tal forma que muito público se retirou por falta de lugar.

O Serviço foi dirigido pelo Rev. Dr. M. Conceição Júnior, que fez um sugestivo sermão sobre o tema «A paz de espírito abre caminho ao triunfo», tendo exortado os escoteiros a que cultivassem a Fé e a Pureza, como meios seguros de conquistar a felicidade.

Prestou a sua colaboração a este Serviço o Orfeão Evangélico de Lisboa sobre a regência do Sr. Paulo Maurício. Este magnífico conjunto de mais de 80 vozes, que canta com arte e espiritualidade, deixou no numeroso auditório uma impressão agradabilíssima.

O Chefe do Grupo 94, Administrador do nosso jornal, Sr. Capitolino Macedo, convidou o Escoteiros presentes a ratificarem o Compromisso de Honra, o que foi feito por todos.

Após a bênção, os Grupos retiraram-se, desfilando até à Sede Central.

DESCERRAMENTO DE UMA LÁPIDA EM MEMÓRIA DE BADEN-POWELL

Por iniciativa feliz do Grupo, 85 os Grupos da região ofereceram à Sede Central uma lápida de mármore em memória de B.-P., que foi solenemente descerrada na tarde do Dia do Escoteiro, perante os escoteiros que estiveram presentes na cerimónia a que acima nos referimos.

O Chefe Geral, Sr. Tovar de Lemos, felicitou o «85» pela iniciativa, e aproveitou o ensejo para se referir ao momento que o Escotismo atravessa, manifestando a sua satisfação pelo progresso que já se nota.

A lápida ficou colocada na Sala Portugal da Sede Central, encimando o distintivo da flor de lis.

O "SEMPRE PRONTO,,
Vende-se em Lisboa na
TABACARIA BOA HORA
Rua Nova do Almada, 46
LISBOA

ESCOTISMO, ESCOLA DE HOMENS

(Conclusão da 2.ª página)

e faculdades, fortalecer o seu carácter, de forma tal que esteja apto a não precisar de auxílios, tendo capacidade para resolver as suas dificuldades e problemas, *capaz de se desembaraçar sòzinho de qualquer tarefa.*

Enfim, o Movimento Escotista procura que seja o Escoteiro o tal rapaz que lançado na *selva* se saiba defender dos traiçoeiros *Shierequans*, dos astuciosos *Tabaquis;* saiba desprezar os ridículos *Banderlogues*, apreciar os sábios *Balus*, os engenhosos *Lobos* (1); e tenha coragem para *caçar* o seu próprio alimento.

Cada Associação, cada Grupo, cada Patrulha mesmo, deve meditar na forma como está contribuindo para atingir este objectivo, que deve constituir o verdadeiro padrão da eficiência do seu trabalho. Se o Grupo é apenas um clube de reuniões sociais, um grupo excursionista, um centro de piqueniques, poderá proporcionar momentos muito agradáveis aos seus membros, mas não lhes dará o *endurecimento* tão necessário hoje à luta pela vida. Rumo ao campo, à montanha, vida dura sem ser violenta, cumprimento fiel do Compromisso e da Lei, eis a Escola que lançará para a vida homens *sempre prontos!*

(1) Figuras do livro «A Selva» de Kipling, base do movimento escotista de Lobitos.

SERVIÇOS CENTRAIS

Serviço de Material e Uniformes

Estes Serviços encontram-se em reorganização e esperam poder em breve satisfazer as necessidades do Movimento em uniformes e material, confiados à dedicação dos adjuntos da Tesouraria E. S. Eduardo Rolão e E. S. José Rana, vão já possuindo alguns artigos que oferecem a baixo preço.

Em face das experiências feitas anteriormente, chegou-se à conclusão de que as vendas a crédito não eram praticáveis porque traziam graves complicações à vida do S. M. U., visto os Grupos nem sempre poderem satisfazer os seus compromissos com a regularidade devida.

Assim, o S. M. U. faz a diligência de adquirir todos os artigos pelo melhor preço, vendendo-os sem qualquer lucro, à excepção de uma limitada margem para despesas.

Neste momento, além de outros artigos miúdos, encontram-se à venda:

Caqui, de boa qualidade, 90 cm. de largo, metro	17$50
Chapéus de Escoteiro — 1.ª qualidade	80$00
2.ª qualidade	60$00
Meias de Escoteiro—par	12$00
Jarreteiras—par	2$50
Cordões de apito—escoteiro	2$00
Insígnias de lapela	3$00

Livros Escotistas nacionais e estrangeiros

Todas as 2.as, 4.as e 6.as feiras das 21,30 às 23 horas.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Doentes—O nosso amigo Sr. António de Mira Calhau, Escoteiro-Chefe Adjunto, encontra-se um tanto abalado da sua saúde e teve, por isso, de suspender o exercício das suas funções escotistas. Fazemos votos de que bem depressa possa retomar o seu cargo, prova de que se encontra completamente restabelecido.

● O nosso estimado assinante Sr. José Ilídio Freire, ministro evangélico, antigo colaborador do 1.º Grupo, foi recentemente operado pelo Sr. Dr. Bastos Gonçalves. A operação decorreu com êxito, com o que nos congratulamos, formulando desejos de um restabelecimento breve.

● Esteve retido no leito, por motivo de doença, o Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, ilustre Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal. Fazemos votos de um completo restabelecimento.

DE SETÚBAL

GRUPO N.º 40

Para comemorar o XX aniversário deste Grupo, realizaram-se nos dias 20 a 24 de Abril passado importantes actividades.

No dia 20, foram inaugurados alguns melhoramentos na sede e a patrulha sénior realizou um acampamento, onde se lhes juntaram nos dias 21 e 22 os restantes escoteiros do Grupo.

No dia 23, teve lugar no acampamento um serviço religioso, seguido duma romagem ao cemitério. De tarde, os escoteiros prestaram diversas provas e receberam estrelas de serviço e insígnias de capacidade e, na bandeira do Grupo, foi aposta mais uma estrela. À noite, realizou-se um fogo de conselho.

O acampamento foi levantado no dia 24 de tarde.—C.

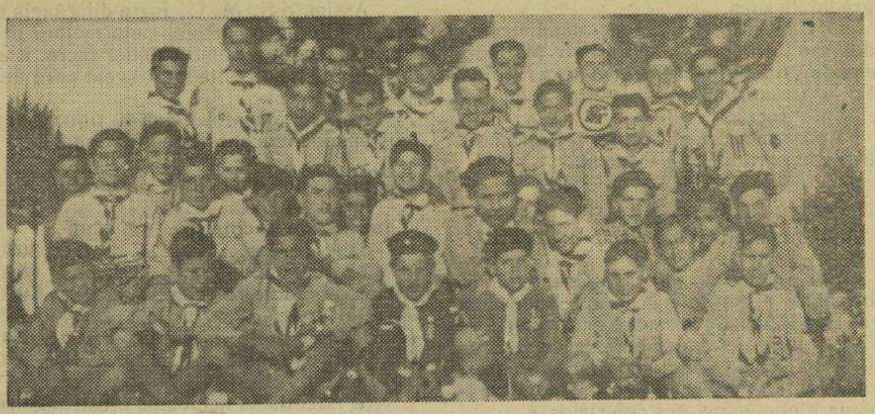
O ANIVERSÁRIO DO GRUPO N.º 6 — OLHÃO

A Exposição de trabalhos manuais

Os Escoteiros de Olhão, cuja unidade é das mais florescentes de Portugal, estiveram em festa durante o mês de Abril por motivo do 25.º aniversário da sua fundação. No dia 5, na presença do Sr. Dr. Fausto Redondo Pinheiro, Presidente da Câmara Municipal de Olhão, foi inaugurada uma exposição de trabalhos manuais. Um Júri, constituído pelos Srs. Dr. Manuel de Sousa Guita, Adriano Baptista e Francisco Gimenez, conferiu os três prémios individuais e do grupo do C. N. E. de Faro e da Mocidade Portuguesa local.

Presidiu à sessão o Sr. Dr. Fausto Redondo Pinheiro, Presidente da Câmara Municipal, secretariado pelos Srs. Chefe Geral Luís Grau Tovar de Lemos e seu Adjunto, Albano da Silva; Dr. Manuel Guita, Professor Sampaio, Mário Gentil Homem, Chefe João Amorim, Chefe Regional Miranda Trigueiros, Chefe Romão da Rosa, Escoteiro Carlos Mamede, e o Director do «*Sempre Pronto*».

A sala encontrava-se literalmente cheia.



O Grupo N.º 6

um de patrulha, que foram atribuídos respectivamente aos Escoteiros Marçal de Sousa Lopes, Mário Quintas e José Floriano dos Santos e à Patrulha «Andorinha». O Júri colocou fora do concurso o Escoteiro José Paulo Arrais, que apresentou bons trabalhos, em virtude de ser um escoteiro com preparação especial, diplomado por uma escola técnica. O Grupo, porém, quis premiar o seu esforço concedendo-lhe um prémio extra.

A exposição, que foi muito apreciada, recebeu a visita de muitas centenas, talvez dois ou três milhares de pessoas.

No encerramento, dia 15, foi visitada pelo Escoteiro-Chefe Geral e seu Adjunto, Srs. Luís Grau Tovar de Lemos e Albano da Silva, e pelo Director do nosso jornal, Sr. Eduardo Ribeiro, que se faziam acompanhar do Escoteiro Chefe Regional do Sul, Sr. João Lobo de Miranda Trigueiros. O Grupo n.º 6 e a D. A. F., impecàvelmente formados, faziam a guarda-de-honra.

Os visitantes percorreram a exposição e, desde os trabalhos de lavores das escoteiras até aos trabalhos dos lobitos, tudo lhes mereceu os mais justos louvores. O conjunto era de facto belo: escultura, carpintaria, desenho, pintura, cartonagem, e muitas curiosidades que demonstravam, para além da Exposição, uma actividade intensa e bem orientada que faz do Grupo 6 uma unidade exemplar.

A Sessão Comemorativa

No domingo, dia 16, os escoteiros içaram a bandeira do Grupo na sua sede e às 10 horas desfilaram pelas ruas da Vila, perante o povo de Olhão que os acolheu com a habitual simpatia.

À noite, no esplêndido salão da Sociedade Recreativa Progresso Olhanense, efectuou-se a sessão solene e festiva. Estavam presentes delegações dos Grupos 59 de Tavira, 60 de Vila Real de Santo António, 77 de Faro e, ainda, do Grupo 84 do Entroncamento, com o seu Chefe e o seu Sub-Chefe; e o Escoteiro Carlos Mamede do Grupo 53 de Lisboa.

Estavam ainda presentes deputações Os escoteiros dos Grupos 6, 59, 60, 77 e 84, e as secções de Olhão e Vila Real de Santo António da Divisão Auxiliar Feminina ocupavam o centro da vasta sala.

O Sub-Chefe Sr. Francisco Pina usou da palavra e fez a história das actividades comemorativas do 25.º aniversário e relatou os trabalhos do último ano. Continuando, apelou para os pais dos escoteiros a quem pediu colaboração.

Fez a definição do Escotismo, apontou os seus objectivos, indicou o que estava fora dos seus planos, e estabeleceu o paralelo entre a saudável vida de campo e o vício desenfreado da bola, pondo em relevo a utilidade do campismo para a saúde em antagonismo com os resultados perniciosos do futebol praticado sem método nem horário, como disse acontecer a um grande número de rapazes de Olhão.

«Tenho muita alegria em visitar o Algarve, Olhão, e o Grupo n.º 6, a quem felicito pela dedicação dos seus Chefes e pelo seu 25.º aniversário», disse o Escoteiro-Chefe Geral.

O Chefe Sr. Tovar de Lemos expressou a sua satisfação por ter visitado o Algarve, Olhão, e o Grupo 6, elogiou a dedicação dos Chefes do Grupo 6, felicitando-o pelo aniversário.

Referindo-se à Exposição de trabalhos manuais, afirmou «ser uma afirmação de trabalho que dignifica Chefes e Escoteiros do «6».

Prosseguindo, o Chefe Geral disse da sua alegria em comunicar que em breve seriam colocadas no peito dos Chefes Francisco Militão dos Santos e Francisco Pina, as medalhas de Dedicação, Classe Ouro, que a Direcção Central, por proposta do Escoteiro-Chefe Regional, tinha resolvido conceder-lhes.

Foi concedida a «Lis de Prata» ao Chefe Regional do Sul.

Referindo-se ao Sr. João Lobo de Miranda Trigueiros, afirmou que tinha tido o maior prazer em o ter encontrado na chefia da Região Sul ao retomar as funções de Chefe Geral, o que tinha constituído o seu grande desejo quando desempenhou o mesmo cargo. Procurando de alguma forma premiar o muito esforço e zelo do Chefe Trigueiros, a Direcção da A. E. P. tem a honra de lhe conceder a mais alta recompensa escotista — a Lis de Prata — que pediu ao Sr. Presidente da Câmara o favor de lhe colocar no peito, gesto que foi muito ovacionado pela assistência.

A mesma entidade colocou na bandeira do «6» a 25.ª estrela de serviço e seguiu-se a entrega de prémios e insígnias diversas.

As patrulhas vencedoras dos diversos concursos, que marcam uma actividade incessante do Grupo, receberam prémios, tendo sido também entregues os prémios da Exposição de trabalhos manuais. A Patrulha «Andorinha» classificou-se em primeiro lugar nesta exposição e ainda nos concursos «Assiduidade» e «Honra e Mérito». A Patrulha «Águia» recebeu uma taça de um Concurso-Jogo.

A «Andorinha» recebeu também um galhardete oferecido pelo Grupo 53 de Lisboa, prémio de um Concurso de Morse e

(Conclui na 7.ª página)



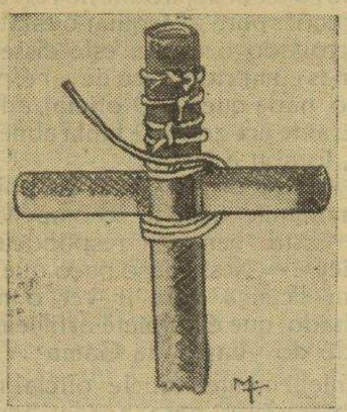
A Patrulha «Andorinha» vencedora de quase todos os concursos

SECÇÃO TÉCNICA

Nós e Ligações

UMA CRUZ

Quando o teu acampamento demora alguns dias, é interessante reservar um local para as práticas religiosas. No sítio do púlpito ou do altar, conforme a confissão, colocarás uma cruz, que pode e deve ser feita com o próprio material de campo.



GRAVURA N.º 1

Dois troncos servem para o efeito. Depois de os sobrepores em cruz, fazes um nó de pedreiro duplo seguido de três laços sobre a vara vertical, ao alto. Enrolar depois verticalmente sobre a vara horizontal por detrás, depois horizontalmente sobre a vara vertical pela frente; prosseguir até ter 3 voltas.

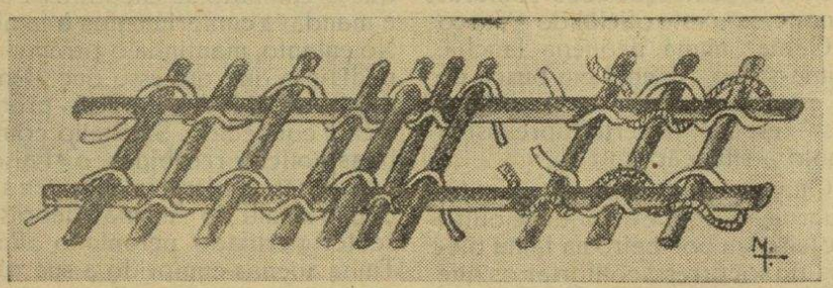
Terminar por um nó de barqueiro na parte inferior da vara vertical. Confronta a gravura n.º 1.

UM ESTRADO

Querendo construir um estrado que tanto pode servir para uma pequena ponte, como para variadas aplicações: mesa, fachada de uma porta, etc., procedes da maneira seguinte:

Colocas duas varas fortes, ou troncos, do comprimento da peça que desejas, que são as *longrinas*. Fixas na extremidade de uma delas a espia com um nó de barqueiro, depois atravessas as varas que vão servir de estrado. Passas a espia por cima da vara de sobrado, passando pela longrina em diagonal. À medida que o laço avança, vais apertando as travessas. Repetes a operação na outra longrina e terminas igualmente com o nó de barqueiro. Gravura n.º 2.

Querendo dar uma maior resistência ao estrado, pode-se reforçar o laço repetindo a operação em sentido inverso quando se atinge o fim da longrina, mas alternando a diagonal, de maneira que as travessas fiquem seguras da parte interior e exterior. Ver a parte final da gravura n.º 2.



GRAVURA N.º 2

Os Antigos Escoteiros Madrilenos comemoraram o "Dia do Escoteiro,,

Todos os anos os antigos escoteiros espanhóis de Madrid, costumam comemorar o «Dia do Escoteiro» com um jantar de confraternização.

Este ano, com a devida autorização das autoridades, o programa foi um pouco mais extenso, tendo-se realizado no dia 23 de Abril último, uma missa de manhã, e à noite um jantar de confraternização num dos melhores restaurantes de Madrid, em que compareceram 76 antigos Chefes e Seniores, número que demonstra bem o alto interesse dos antigos Escoteiros de Espanha.

CASAMENTO

No dia 6 do corrente consorciou-se o escoteiro do grupo n.º 85 Sr. Lúcio Cordeiro de Oliveira com a Sr.ª D. Maria Rosa.

Apadrinharam o acto por parte da noiva a Sr.ª D. Leonor de Oliveira Melo e o Sr. Sebastião da Silva Melo, e por parte do noivo e a Sr.ª D. Deolinda dos Santos Teixeira e o Sr. Álvaro P. Teixeira.

O «S. P.» apresenta aos noivos votos de muitas felicidades.

REVISTA BRASILEIRA

ALERTA

ÓRGÃO DA U. E. B.

Tomam-se assinaturas nesta Redacção

20$00 ANUAIS

DUAS IMPORTANTES REUNIÕES INTERNACIONAIS DE ESCOTISMO

realizam-se este ano em Portugal

Está já definitivamente assente que se efectuarão em Portugal, no próximo mês de Setembro, a Reunião de Comissários Internacionais e a reunião anual do Conselho Internacional de Escotismo (The International Committee).

Tomarão parte na primeira reunião os delegados das diversas associações escotistas e teremos o prazer de acolher entre nós dirigentes escotistas prestigiosos, que são, simultâneamente, em muitos casos, figuras ilustres nos seus respectivos países.

O mesmo sucede com o Conselho Internacional que é constituído pelos Dirigentes A. E. Benaki, presidente e Escoteiro-Chefe da Grécia; Pierre Delsuc, Comissário Geral dos *Scouts de France* e Internacional do Escotismo Francês; Dr. Velen Fanderlik, Checoslováquia; Amory Houghton, Presidente dos Escoteiros da América; Dr. Rogelio Pina, Presidente dos Escoteiros de Cuba; Lord Rowallan, Escoteiro-Chefe da Inglaterra; Jean Salvaj, Comissário Internacional dos Escoteiros Suiços; Major-General D. C. Spry, Comissário Chefe Executivo do Canadá; Eng.º Sten Thiel, Comissário Internacional dos Escoteiros Suecos; Robert Ulrich, Escoteiro-Chefe da Áustria; Tenente-General Barão van Voorst tot Voorst, Chefe Comissário dos Escoteiros Católicos da Holanda; e, *ex officio*, o Coronel J. S. Wilson.

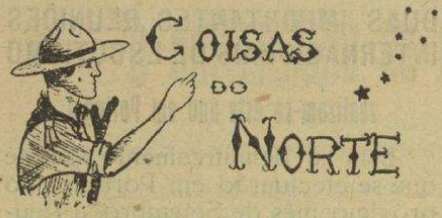
As reuniões efectuar-se-ão, possìvelmente, na Linha de Cascais. Está a ser constituída uma Comissão de Recepção presidida pelos Secretários das Relações Internacionais da A. E. P. e do C. N. E. e tudo se prepara para que os representantes estrangeiros sejam condignamente recebidos.

O Jamboree de 1951 na Áustria

A Direcção da A. E. P. principiou a estudar a possibilidade de Portugal se fazer representar no «Jamboree» de 1951, a realizar na Áustria, perto da histórica cidade de Salzburgo.

Está já assente que, a ser viável o envio de qualquer representação, os escoteiros serão seleccionados entre os que revelem maior competência técnica e, tanto quanto possível, tenham mais alta classe escotista.

A partir da visita dos Dirigentes Estrangeiros em Setembro próximo, procurar-se-á continuar a desenvolver o nível escoteiro das patrulhas, com vista à desejada selecção para o «Jamboree».



O «DIA DO ESCOTEIRO»

O «Dia do Escoteiro» foi comemorado no Porto com muito entusiasmo. De manhã, no dia 23 de Abril passado, houve uma concentração regional em que compareceram 82 escoteiros e dirigentes, todos uniformizados. Foram hasteadas as bandeiras nacional e regional; a seguir alguns aspirantes prestaram o seu Compromisso de Honra. A cerimónia terminou com a ratificação do Compromisso por todos os escoteiros.

Da parte da tarde, no campo da CUF, os escoteiros fizeram várias demonstrações e jogos escotistas, com a assistência das suas famílias. No final, os escoteiros desfilaram até à cidade.

Os escoteiros marítimos não puderam comparecer por falta de uniformes.

● No dia 25, o Grupo 15 levou a efeito na sua sede uma festa dedicada às famílias dos seus escoteiros, que decorreu muito animada.

● Os escoteiros evangélicos do Porto promoveram, no dia 26, um serviço religioso em comemoração do «Dia do Escoteiro» na Igreja do Redentor.

Primeiros socorros — Em princípio deste ano, por feliz iniciativa da Chefia Regional, foi iniciada a instrução de enfermagem e primeiros socorros dos Escoteiros Seniores da Região Norte, com vista a prepará-los para actuar com eficiência sempre que os seus serviços sejam necessários.

Esta instrução tem sido recebida na Cruz Vermelha Portuguesa que, com inexcedível boa-vontade e interesse, se prontificou a preparar os Escoteiros.

Apesar da lamentável falta de correspondência dos serviços do «*Sempre Pronto*» no Norte, sabemos que esta instrução prossegue com o maior sucesso e proveito. Felicitamos a Chefia Regional pela sua interessante iniciativa, digna de ser seguida nas outras Regiões.

GRUPO N.º 15

Aniversário — No dia 27 este Grupo ofereceu aos seus rapazes um Porto de de Honra por motivo da passagem do seu aniversário. No dia 26 foi também servido na sede um jantar de confraternização que reuniu cerca de 80 rapazes. Este jantar serviu também para encerrar as festas da Semana da Corça Branca, como foi denominada aquela semana.

Comandante Álvaro de Melo Machado

Os Corpos Gerentes da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela, acompanhados do pessoal dos escritórios de Lisboa, prestaram homenagem ao Sr. Comandante Melo Machado, por motivo do 25.º aniversário da sua nomeação de Administrador da referida Companhia.

Usaram da palavra, expressando o apreço pelas grandes qualidades de carácter e de inteligência reveladas no desempenho do seu cargo, a cujo devotado trabalho muito deve aquela Companhia, virtudes que o Sr. Comandante Melo Machado já evidenciou no Escotismo, nos altos cargos aqui desempenhados, os Srs. Dr. Alexandre Pinto Basto, presidente do conselho de administração, e o Sr. Tenente-coronel Caria, Comissário do Governo junto da Companhia.

O homenageado agradeceu muito sensibilizado a inesperada manifestação, afirmando que aos seus colegas e colaboradores se devia o sucesso do seu trabalho.

FOI ASSIM MESMO...

Cenas da Vida Escotista

Os escoteiros do Grupo n.º 7 tinham recolhido ao quartel dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, perto da Rotunda, dispostos a auxiliá-los nos socorros a prestar. Em certa altura desapareceu Manuel Rolão, o «Faísca», como era mais conhecido.

Mais tarde soube-se que se tinha dirigido para o Arsenal da Marinha...

* * *

Apesar do elevado número de vítimas, a refrega continuava. A toda a hora viam-se riscar o espaço os sulcos ligeiros das cargas que os contendores trocavam entre si. O silvo agudo, que emitiam na sua passagem, tinha o ar tétrico de mensageiro de morte. A entrecortá-lo, ouvia-se o apito estridente das sereias das ambulâncias, como a afirmar o afã da sua tarefa triste mas generosa.

No Tejo, o velho palco de tantas e tantas cenas do teatro da nossa História, balouçava o navio-chefe da esquadra revoltosa, o «Vasco da Gama», que, de vez em quando, fazia ouvir o troar forte das suas bocas de fogo. A bordo, conduzindo as operações, encontrava-se o capitão-de-mar-e-guerra Leote do Rego.

Sob a protecção das sombras da noite, saiu este oficial do «Vasco da Gama» numa pequena lancha. Dirigia-se ao Arsenal em busca de um estafeta que chegasse notícias suas à esposa, decerto apreensiva quanto à situação.

Quando chegou, lá estava, entre a guarnição, aqui e além um e outro escoteiro ou bombeiro na faina piedosa de socorrer e confortar os que sofriam.

O chefe da revolta, ansioso, perguntou-lhes então qual deles se oferecia para desempenhar o serviço que o trouxera ali. O receio dos perigos a enfrentar, impediu que algum daqueles bravos se expusesse a tanto.

— Nenhum de vocês quer ir? — insistiu o comandante com veemência.

— Vou eu! — ouviu-se exclamar uma voz juvenil de entre aqueles homens. Era o Manuel Rolão do Grupo 7, que valorosamente se oferecia.

Daí a pouco, lá vai presto, sem hesitar, o pequeno escoteiro a casa de Leote do Rego levar a mensagem de tranquilização.

Quando todos o julgavam ainda longe, já ele estava de volta com uma carta da senhora do oficial. Quisera ela recompensar o escoteiro pelo seu valioso serviço, mas, vendo-o tão novo e tão pequeno, ofereceu-lhe só doces e outras guloseimas.

O oficial que levou a carta-resposta ao comandante, nessa altura de novo a bordo, trouxe no regresso instruções para obsequiar o estafeta. Interrogado o rapaz, este disse ter apenas cumprido o seu dever e, portanto, nada queria. O oficial, admirado ante um gesto de tanta abnegação, tornou a insistir:

— Pede o que quiseres, pois o comandante quer-te recompensar!

— Está bem, — respondeu o «Faíca». — Nesse caso peço que me dêem licença para ir ver o meu cunhado, que é grumete-artilheiro a bordo do «Vasco da Gama»...

Infelizmente aquele oficial não tinha poderes para aceder àquele desejo, que era, segundo se julga, o motivo da presença ali do escoteiro.

Inteirou-se o oficial da identidade do marinheiro e voltou a bordo a informar o comandante do desejo do estafeta.

Quando regressou, deu a saber que o comandante lamentava não poder atender o pedido do rapaz, porque o navio se encontrava em combate. Informava-o, porém, de que o cunhado se encontrava bem e mandava cumprimentos à família. No entanto, mantinha o prometido: pedisse o que quisesse que, dentro das possibilidades, lhe seria prontamente concedido. Satisfeito com as boas notícias recebidas, o «Faísca» agradeceu o oferecimento, fez saudação e saiu do Arsenal, depois de se ter perfilado perante o oficial. Tinha apenas cumprido a sua obrigação e portanto nada queria receber...

* * *

Quando no quartel dos bombeiros se deu pelo desaparecimento do Manuel Rolão, o escoteiro-chefe do 7 saiu imediatamente a procurá-lo, preocupadíssimo como é fácil de imaginar. Ao descer a Avenida, vislumbrou ao longe um escoteiro que, abrigando-se aqui e deitando-se acolá, procurava escapar às balas que assobiavam em todas as direcções. Era o Manuel Rolão que regressava ao seu posto no Grupo 7 a auxiliar os seus irmãos-escoteiros nos trabalhos extenuantes daquele dia...

Adaptação e ampliação, com informações de uma testemunha, de um episódio verídico do livro de SOUSA COSTA «Heróis Desconhecidos».

Plano para a Organização de um Curso de Chefes

(Conclusão do número anterior)

4—DIRECÇÃO:

1 Director do Curso.
2 Directores Auxiliares.

5—ÉPOCA: de Abril a Outubro.

6—ALUNOS-CHEFES:

Será de grande vantagem em cada Curso, que o mesmo seja composto por alunos-chefes que se encontrem numa das seguintes situações:

a) Alunos-chefes que estejam exercendo a chefia nos Grupos;

b) Alunos-chefes que pertençam ao Movimento Escoteiro, mas que nunca dirigiram escoteiros;

c) Alunos-chefes que sejam pessoas que nunca pertenceram ao Movimento Escoteiro.

Para cada um destes casos, a Direcção do Curso terá de proceder de acordo com a situação homogénea ou heterogénea dos alunos-chefes.

Como em quase todos os Cursos, haverá alunos-chefes das três situações, a Direcção terá que agir com muito tacto e habilidade, para que, não decepcionando a ninguém, obtenha os melhores resultados possíveis, e para que o tempo dispendido por todos, não seja considerado inútil e, bem ao contrário, venha a ser de uma grande utilidade para o indivíduo e para o Movimento Escotista.

Os candidatos a alunos-chefes devem preencher os requisitos que forem exigidos para as suas inscrições nos Cursos, de acordo com o que for estabelecido no respectivo Regulamento.

7—CERTIFICADOS E DIPLOMA:

Para cada uma das 3 Partes do Curso, a Direcção expedirá os respectivos Certificados. O aluno-chefe de posse dos 3 certificados, receberá o Diploma de Chefe de Escoteiros, que documentará a sua frequência do Curso. Não se destina a demonstrar um alto nível de eficiência técnica, mas a distinguir o seu possuidor, como um homem de carácter e de sentimentos nobres e fraternais, devotado a uma grande Causa Nacional. Será uma constante lembrança de todos os benefícios e ensinamentos que recebeu durante o Curso, devendo usá-los, por sua vez, em benefício dos seus escoteiros.

Aqui está, em linhas gerais, o plano para a organização de um Curso de Chefes. Naturalmente que, em cada caso exposto, há muitos pormenores, mas não seria possível citá-lo todos aqui. Ficamos à disposição dos interessados neste assunto, para fornecermos mais esclarecimentos.

Em complemento a este plano, será publicado oportunamente o livro «Organização de um Campo-Escola».

JOÃO MÓS

O ESCOTISMO NA CAPITAL

GRUPO N.º 2

Acampamento—Este grupo realizou no dia 6 do corrente o seu primeiro acampamento desta época, no pinhal do Escola Agrícola de D. Dinis. Compareceram 23 escoteiros das patrulhas «Leão» e «Raposa» e da patrulha sénior «Vasco da Gama».

GRUPO N.º 85

Desportos—Está em organização a secção desportiva deste Grupo, que se dedicará à prática do futebol, voleibol e pingue-pongue. Esta secção é dirigida pelos escoteiros Guido Manso, Humberto Marques e Daniel Crespo.—C.

GRUPO N.º 94

Excursão—Este grupo realizou na última Sexta-feira Santa uma excursão à linha do Estoril, dedicada aos seus escoteiros e aspirantes, tendo sido visitadas as grutas de Alapraia, em S. João do Estoril, a Mata Municipal de Cascais e a Boca do Inferno. Porém, a grande atracção deste passeio, foi uma visita às excelentes instalações do Rádio Clube Português, em Parede, onde foram recebidos amàvelmente por um dos seus Directores Técnicos, que descreveu, com toda a solicitude, a complicada aparelhagem e a exemplar organizacão de serviços daquela importante Estação Emissora.

Festa escotista—Este grupo promove no dia 19 do corrente, uma festa escotista dedicada aos seus escoteiros e famílias e sócios auxiliares.

Do bem elaborado programa, consta uma palestra pelo antigo escoteiro E. C. Antero Nobre sobre o tema «Ser escoteiro é, para além das provas de classe e demais actividades, uma atitude perante a vida!»

Exibir-se-ão filmes escotistas cedidos pela Embaixada Britânica e alguns aspirantes-escoteiros deste grupo farão o seu Compromisso de Honra e aspirantes-lobitos a Promessa.

Serão também apresentados diversos exercícios escotistas.

GRUPO N.º 99

Patrulha Cão—Esta patrulha comemorou, no passado dia 14 de Abril, o seu 8.º aniversário com uma pequena cerimónia, em que foi relembrada a sua actividade dentro do grupo e os elementos, alguns já retirados, que a ela têm dado o melhor do seu esforço.—C.

«SEMPRE PRONTO»

SECÇÃO DE LIVRARIA

Manuel du l'Éclaireur—Uma autêntica enciclopédia escotista, muito ilustrado, com seis quadros a cores, em francês..... 75$00

O Génio de B.-P.—por Pierre Bouvet, tradução de Antero Nobre 3$00

Jogos e Distracções para a Mocidade..... 2$50

O Aniversário do Grupo n.º 6 — Olhão

(Conclusão da 4.ª página)

Homógrafo disputado entre as patrulhas dos dois Grupos, que lhe foi entregue pelo representante do Grupo de Lisboa.

A Patrulha «Andorinha» foi ainda a primeira classificada no Concurso Regional Inter-patrulhas. A «Águia», que concorreu extra às provas finais, recebeu uma lembrança. À Patrulha «Leão» do Grupo 77, de Faro, coube o 2.º prémio.

Foram entregues muitas insígnias de aptidão, cordões de mérito, insígnias de classe a escoteiros e escoteiras, e condecorados com a medalha de assiduidade os Escoteiros Rui Arrais e Ivo Casaca.

O Grupo n.º 84 leu e entregou ao Chefe do «6» uma mensagem saudando o Grupo pelo aniversário que se comemorava, após o que o Chefe Trigueiros encerrou a sessão em nome do Sr. Presidente da Câmara, inibido de falar por doença.

A Sessão Festiva

As escoteiras Maria Clara Palmeiro e Maria da Conceição Viegas, e os escoteiros José Francisco Delgado e Chefe Francisco Pina, apresentaram com muito acerto uma comédia de André Brun, que mereceu os maiores aplausos do público. Se os dois elementos femininos tivessem sabido reprimir o riso, poderíamos afirmar que o desempenho tinha sido impecável, mas mesmo assim, agradou bastante, pelo que felicitamos os «actores».

Seguiu-se um simulacro de «fogo de conselho» com a colaboração de todos os Grupos presentes. O Grupo 6, especialmente, apresentou uns episódios curiosos e umas canções cheias de vida, em que tomaram parte as Secções da D. A. F. e os restantes Grupos.

A vastidão do programa prolongou a sessão até hora avançada em demasia para escoteiros, mas mesmo assim o público não arredou pé até ao fim, vivamente interessado nos trabalhos.

A sessão comemorativa foi mais uma prova da muita actividade do Grupo 6. Os Chefes visitantes retiraram-se agradàvelmente impressionados com a sua visita ao Algarve, cuja Região trabalha, apesar das dificuldades agudas que atravessa a província e que naturalmente se reflectem no Escotismo. O Chefe Regional e os Chefes do «6» foram por isso muito felicitados e, sabemos, que os restantes Grupos algarvios, contagiados pelo entusiasmo do Grupo de Olhão, iniciaram já uma nova fase de trabalhos, que muito vai contribuir para uma maior acção ainda do Escotismo do Algarve.

LIVROS

«Em Boa Paz no Caminho dos Princípios»

Numa edição da Repartição Central de Estatística e Informação, de Goa, temos presente uma separata de um artigo do Sr. Abel Montalto, no jornal «Heraldo», acerca do problema indiano, sob o título: «Em Boa Paz no Caminho dos Princípios».

No bem apresentado opúsculo, o articulista goês repele as famigeradas declarações do Pandit Nehru no Parlamento Indiano. Dos seus conceitos e afirmações transparece a força indestrutível dos laços que unem entre si as diversas parcelas do solo pátrio. O autor apresenta os porquês da admirável atitude do povo de Goa, traçando com nitidez um curioso paralelo entre as razões que levaram à separação do Paquistão do resto da Índia e as que devem obstar à integração de Goa na República Indiana.

INQUÉRITO AOS GRUPOS DA CAPITAL

VIRÁ O "99,, A SER UM DOS MELHORES GRUPOS DE LISBOA? O ENTUSIASMO DE QUE ESTÁ POSSUÍDO RESPONDE-NOS QUE SIM

Esta ronda pelos Grupos da capital está prestes a terminar. A digressão do «Sempre Pronto» pelos bairros de Lisboa em busca dos seus Grupos de escoteiros, quase chegou ao fim com a entrevista feita agora ao «99».

Em pleno bairro da Estrela, e no seio de uma das mais velhas colectividades de recreio de Lisboa, existe o Grupo n.º 99 dos Escoteiros de Portugal, que Eugénio Ribeiro Nunes, Dr. Pereira da Silva e outros, fundaram no Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», isto em 1934, portanto há 16 anos.

Um dos Grupos de tradições no escotismo da nossa cidade, o Grupo 99 triunfou há anos pela vontade dos seus escoteiros, pela dedicação dos seus dirigentes. Porém os tempos rolaram, e, como tantos outros, este Grupo viu-se atingido pelas contingências do destino que o relegou há tempos para a posição dos quase menos inactivos.

Isto, porém, foi há tempos. Hoje o «99» voltou a encher-se de coragem, e a vontade de que parece estar possuído, leva-nos a crer que virá a dar que falar o Grupo de Escoteiros do Dramático «Os Combatentes».

A sede deste Grupo, e desde a sua fundação há 16 anos, está instalada nas dependências daquele Grupo de recreio. Já tem tido instalações mais condignas que as actuais, visto agora o Grupo ver colocada a sua «casa» num cubículo situado ao fundo da casa de jogo de «Os Combatentes», por cuja sala tivemos de passar quando lá se jogava o «Burro americano»!

E de conversa com o seu chefe, o E.S. Fausto Júlio Sacadura, uma das grandes dedicações do Grupo, soubemos mais o seguinte: — Não obstante os Estatutos do Grupo Dramático dizerem que o Grupo de Escoteiros deve estar isolado do bufete e das salas de jogos, os meus escoteiros têm de atravessar a casa por onde V. passou... No entanto, já tratámos junto da Direcção da A.E.P. este assunto, e esperamos a sua resolução com a urgência indispensável.

— E diga-me, apesar do mau bocado que o Grupo passou em 1949, quais as actividades que organizaram?

Fausto Sacadura e Mário Correia, este o dedicado Chefe dos Serviços Administrativos, respondem-nos:

— Estivemos em todas as actividades da A.E.P. e fizemos um acampamento de férias, recebemos a Exposição de Fotografias do «5», comemorámos o aniversário, além de acampamentos semanais.

E Fausto Sacadura, acrescenta:

—O 99 não está morto, atravessa sim um período de crise. O 99 foi, apesar de tudo, sempre andando, e a essas actividades pode juntar-se a concessão de várias 2.as classes e preparação de algumas 1.as.

—E qual o efectivo do Grupo?

— 1 Chefe, 1 Sub-Chefe, 1 Chefe Administrativo, 2 guias de Secção, 1 Patrulha Júnior (Cão) e outra sénior (Plácido de Abreu), 2 escoteiros isolados, 1 aspirante e 4 propostos aspirantes, — esclarece Mário Correia.

«E é com este efectivo — e com o aumento que calcula, que o 99 espera, este ano, comparecer ao Acampamento Nacional com as suas patrulhas devidamente especializadas.

E passámos a interrogar os escoteiros. O Guia da Patrulha Cão, escoteiro Boaventura Marques, diz que este ano a sua Patrulha trabalhará o necessário para estar em condições quando do Acampamento Nacional. Farão um acampamento de férias e actividades semanais. E são estas também as actividades que a Patrulha sénior está preparando, segundo nos diz o seu guia, o escoteiro Carlos Alves.

E como estava próximo um dos Guias de Secção, o escoteiro Adriano Gomes Alves, que se ocupava em rever provas de classe, perguntámos se tinha algo a dizer ao «Sempre Pronto»:

— Estou bastante contente com a nova Direcção da A. E. P. com a qual espero colaborar o melhor possível.

E como chegáramos ao fim da nossa missão, o Chefe Sacadura, enquanto nos acompanhava pelo labirinto de dependências de «Os Combatentes», até à porta, atirou:

— Após quinze anos consecutivos de trabalho vejo-me obrigado a deixar o meu querido Grupo, embora com bastantes saudades, mas a minha vida particular assim me obriga, visto não poder estar junto dos meus escoteiros aquele tempo que é necessário. Fiz tudo o que me foi possível, trabalhei para o bom nome do Grupo e o engrandecimento da A. E. P.. Temos passado muitas crises e até desgostos grandes, como a mudança de sede, a falta de escoteiros, a falta de compreensão de muitos, etc.. Tudo isto me leva ao afastamento, mas nunca deixarei de ser escoteiro, porque escoteiro um dia, escoteiro toda a vida.

E, vivamente emocionado, Fausto Sacadura acrescenta:

— Agora só me resta deixar as minhas considerações ao novo Chefe, pedindo-lhe que olhe com carinho e amor o nosso querido 99, e que todos os Escoteiros o ajudem, para o bom nome da A. E. P. e da nossa Colectividade.

CARLOS FERNANDO GARCIA



Grupo n.º 6 — Olhão

Dia de S. Jorge — O Grupo 6 comemorou este dia com um animado exercício-jogo, em que tomaram parte as quatro patrulhas, as quais tiveram de percorrer, guiando-se por mapas ou seguindo pistas, um extenso e complicado itinerário até localizar o «Tesouro dos Incas», que foi descoberto pelo escoteiro «Castor Pelado».

O concurso, que foi ganho pela Patrulha «Galo», terminou cerca do meio-dia no Mato Joinal, tendo as patrulhas almoçado naquele local, onde se realizou a seguir uma cerimónia evocativa de S. Jorge.

O Escoteiro-Chefe Adjunto deste Grupo e o Escoteiro Chefe Regional do Sul, dirigiram palavras aos escoteiros sobre o significado do «Dia do Escoteiro», exortando-os a prosseguirem no seu trabalho dentro do Grupo.

O resto da tarde passou-se com os jogos escotistas.

RAPOSÃO

ESCOLA REGIONAL DE GUIAS

Foi oficialmente inaugurado no Domingo, dia 29 de Abril p. p., esta Escola de Guias, que está já a funcionar com grande interesse dos guias e escoteiros inscritos.

A instrução é dada no ginásio da Sociedade de Geografia, que amàvelmente foi dispensado para tal fim, todas as segundas-feiras, efectuando-se de quinze em quinze dias um exercício no campo.

O programa da Escola foi elaborado pela Chefia Geral e a sua direcção está assim composta: Chefe, Sr. Prof. Júlio dos Santos; Sub-Chefe, E. C. Sr. João Clímaco Nascimento; Instrutores, Srs. Alfredo Manuel Florêncio Tovar de Lemos e Raul Matoso, estando este último Chefe encarregado da parte dos primeiros socorros.

Depositam-se as maiores esperanças no fruto deste trabalho, que, se espera, irá animar a vida de todas as patrulhas da Região.

LEITOR AMIGO
Interessa-te o SEMPRE PRONTO? Propaga-o entre os teus amigos.